

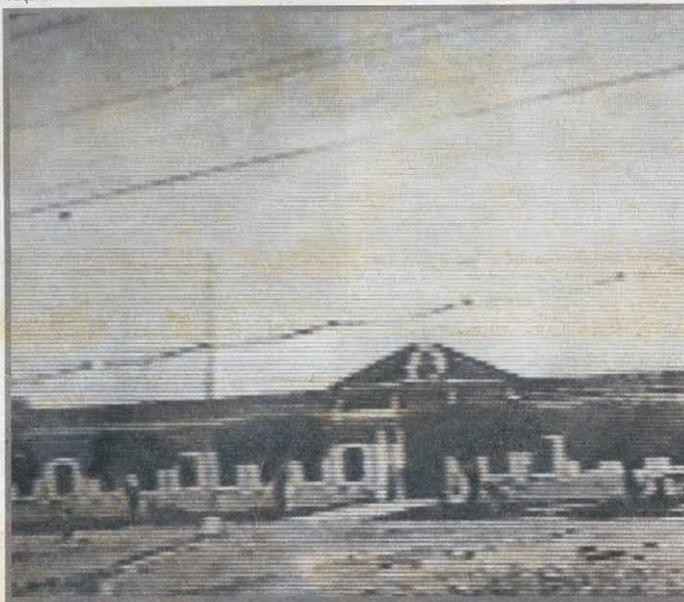
## CONCLUSÕES

# Série de erros pode explicar fracassos

A insurreição militar e comunista de 1935, em Natal, ocorreu dentro de um contexto nacional no qual se destacavam a insatisfação popular com os rumos do governo Vargas, a crise econômica, a desilusão com as prometidas reformas políticas e a preocupação dos setores progressistas com o crescimento do integralismo. O Partido Comunista do Brasil vivia uma fase ufanista, na qual superestimava a mobilização popular da Aliança Nacional Libertadora, como se fosse exclusiva do partido. Prestes, isolado na clandestinidade, há oito anos afastado do país, acreditava nos relatórios fantasiosos de Miranda, o despreparado secretário-geral do PCB, e julgava que o extraordinário prestígio que detinha no meio militar e no povo brasileiro, traduziria-se em apoio incondicional à revolução socialista. Os "tenentes", elementos progressistas do Exército, descontentes com os caminhos tomados pela revolução de 30 e com o fechamento da ANL, sem perspectiva de ação política e sabendo não haver condições objetivas para uma revolução de cunho popular, passam a articular um golpe, dentro da tradição militar, desde a proclamação da República. Encontrando ambiente propício, apesar das resistências iniciais, levam seu guia e chefe militar, o PCB e a Internacional Comunista a embarcar na aventura.

Em Natal, as condições locais contribuíram para amplificar a motivação. Os militares de baixa patente, muitos já excluídos, outros ameaçados, com uma atuante célula comunista no quartel, há muito se encontravam aliciados por tenentes de outras guarnições. A demissão coletiva foi o estopim que detonou o levante antes da hora. Curiosamente foi também a razão do sucesso inicial.

Arquivo/DN



O 21º Batalhão de Comando do Exército, onde hoje funcionada a E.E. Winston Churchill

A surpresa somada à incompetência do aparelho de segurança contribuíram para que os militares tivessem razoável apoio popular. O radicalismo das lutas partidárias recentes, as demissões e perseguições do novo governo criaram o

ambiente propício para a adesão dos que se encontravam "de baixo". Finalmente, os comunistas, apesar da oposição inicial e ignorando todas as avaliações anteriores, não resistem ao "glamour" de protagonizar a "sua" aventura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Edgar. História de uma Campanha. Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1936.
- Bastos, Abguar. Prestes e a Revolução Social. Hucitel, 1986.
- CASCUDO, Luis da Câmara. História da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto, 1972.
- COSTA, Homero. A insurreição comunista de 1935. Ensaio, 1995.
- DULLES, John W. Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil. Nova Fronteira, 1997.
- LIMA, Lourenço Moreira. A Coluna Prestes. Alfa-Ômega, 1979.
- MEDEIROS FILHO, João. 82 Horas de Subversão. Gráfica do Senado Federal, 1980.
- MORAES, Denis e Viana, Francisco. Prestes: Lutas e Autocríticas. Vozes, 1982.
- OLIVEIRA FILHO, Moacyr. Praxedes: um operário no poder. Alfa-Ômega, 1985.
- CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Imprensa Universitária, 1968.
- VIANNA, Marly de Almeida Gomes. Revolucionários de 35. Companhia das Letras, 1992.